

MONTE SERRAT

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	14/11/98	
Caderno	Local	Página 6
Seção		
Assunto		
Bairro		

SEU BAIRRO

Sentimento comunitário resiste em Monte Serrat

Um dos cartões-postais de Salvador, o Monte Serrat mantém características das pequenas cidades do interior. A tranquilidade, a amizade entre os vizinhos e o sentimento comunitário são marcantes entre os cerca de cinco mil habitantes do local. O que não falta no bairro são pontos turísticos, com destaque para o convento da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, o forte e a Ponta de Humaitá, onde, diariamente, muita gente vai curtir o pôr-do-sol e adolescentes filam aula para namorar. A Igreja de Monte Serrat, um dos patrimônios seculares do bairro, está caindo aos pedaços, mas a esperança dos moradores de vê-la recuperada foi renovada, como publicou A TARDE na edição de 9 de novembro.

José Bomfim

Reconhecido por todos como um dos locais mais bonitos da capital baiana, Monte Serrat já serviu de cenário para novelas e minisséries de TV, mas a comunidade não se descuidou das suas lutas. Em fevereiro do ano passado, o Clube de Pesca Itapagipana criou o SOS Monte Serrat, no início para salvar o que restou da igreja, depois se ampliando e passando a lutar por toda a península itapagipana. Pelo jeito, de lá para cá, algo de positivo sucedeu. "Depois desse movimento os poderes públicos têm se importado mais com nosso bairro",

admite a aposentada Suélia Silva.

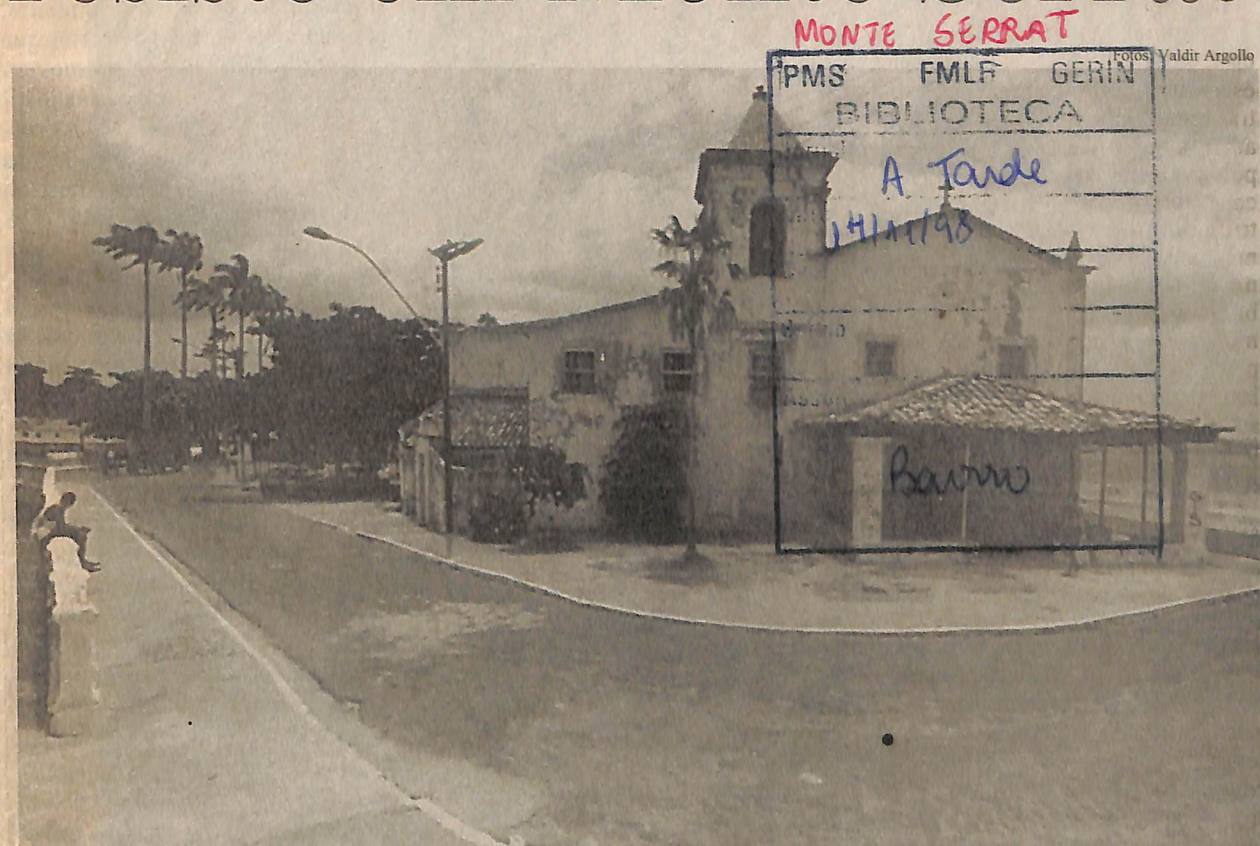
Os que sobrevivem da pesca se queixam de que nos últimos anos a situação piorou. Contribui para aumentar as dificuldades a criminosa pesca com bomba, que está acabando com os peixes ornamentais, com a lagosta e o polvo, entre outros. Quanto a comércio e armazéns, a situação é de tranquilidade para os moradores de Monte Serrat, principalmente os idosos, que contam ainda com a feira livre às sextas-feiras. Mas quando se trata de resolver problemas bancários ou médicos, eles são obrigados a andar. O posto médico mais próximo é o do bairro de Roma. A ausência de agências ban-

cárias faz com que tenham de ir aos bancos da Calçada, Roma ou Alto do Bonfim, como afirma o aposentado Deoclécio Almeida.

Convento

O primeiro ponto para o visitante começar a entender a história do bairro é o convento das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. O prédio secular pertenceu à Real Beneficência Portuguesa até 1937, quando a congregação, que se instalara no Brasil em 1911, o comprou. As religiosas inauguraram sua sede, hoje nacional, em 6 de janeiro de 1938. O painel de búzios, datado de 1878, e esculturas na área externa são belas peças de arte.

As Irmãs Franciscanas só têm progredido. Construíram ao lado do convento, há 55 anos, o Hospital da Sagrada Família, o anexo Lar das Irmãs Idosas e mantém ainda o Colégio São José, na Rua da Imperatriz. Madre provincial da Província de Santa Cruz (compreende os estados Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), a irmã Dalvanir Rosado foi reeleita para o cargo. Ela e a cronista da congregação, a irmã Eugê-



Depois de muitos anos de abandono e destruição, surge uma chance de restauração da velha igrejinha

nia, explicam que, no próximo ano, comemoram o centenário de morte de Madre Maria Clara do Menino Jesus, fundadora da Ordem.

Sentada em uma cadeira de rodas, a irmã Esmeralda, com as pernas

amputadas, é um exemplo de vida para todos. Ela ressaltava o tempo em que trabalhou no Hospital Português, e, sorrindo, manifesta o desejo de, quando morrer, preencherem com flores no caixão o espaço que

seria de suas pernas. Ao lado do convento foi construída a Tenda da Hospitalidade. No local, todas as sextas-feiras, as freiras oferecem almoço para as pessoas carentes de Monte Serrat.

Juventude lamenta isolamento

Ponta de Humaitá reúne acervo

Difícilmente alguém vai ler nos encartes para turistas algo sobre a Pedra Furada, mas essa parte de Monte Serrat, freqüentada por artistas, intelectuais e pessoas simples, guarda boas histórias. Os *malucos-beleza*, por exemplo, lembram que Raul Seixas passou boa parte de sua adolescência na área e, mesmo depois de roqueiro famoso, voltava sempre à Pedra Furada, onde batia papo com as pessoas e ficava a admirar a baía.

Pedra Furada é famosa pela sua paisagem e pelas deliciosas moquecas de peixes e pratos de mariscos, dos quais o destaque é o sirri-bóia. “Um dia desses, das 6 horas às 13h30, peguei 735 siris”, diz Antônio do Prado, 50 anos, há 43 nas águas de Pedra Furada. Ele vende a dúzia dos “bóias” a R\$ 3, mas anda cometendo um “pecado”, segundo seus próprios colegas: só tem pescado fêmeas.

Em Pedra Furada, os bares e restaurantes são consagrados. A maioria dos comerciantes está há quase 40 anos no local. Eles explicam que a origem do nome está ligada a uma fonte próxima aos estabelecimentos. “A forma da fonte parece uma pedra furada”, explica Vivaldo Gomes, dono de um res-



Fonte “quebra o galho” na Pedra Furada

taurante. Com cinco metros de profundidade, a cisterna serve às lavadeiras e aos moradores em geral, porque sua água é considerada boa. Apesar da fonte-cisterna ficar sempre aberta, sem tampa, não há registro de que tenha ocorrido algum acidente.

Os jovens se queixam de isola-

mento. “Isto aqui só é bom para o pessoal mais velho. Nós queremos mais agito”, resumiu Gilmar Jesus Menezes, 21 anos. Em sua opinião, a prefeitura deveria programar eventos culturais para Monte Serrat. “Além disso, seria bom as autoridades fiscalizarem a pesca com bomba”, diz Gilmar, aclamado pelos seus colegas como o melhor mergulhador de Pedra Furada. Sua especialidade é a pesca de lagostas, polvos e peixes ornamentais (anjo, moré amarela e outros). “A explosão de bombas fez desaparecer até as tainhas, peixe que era comum aqui, na área”, afirma.

Compreensão

Quem também se queixa é Vany Ferreira Santos, que mora há 24 anos em Pedra Furada. “Fiscais da prefeitura invocaram que eu tenho que tirar minhas plantas e o tonel de água da porta”, diz. Nem

os vizinhos entenderam a birra dos fiscais, afinal, as plantas embelezam a frente da casa de Vany e o tonel é o reservatório de água para ela lavar roupas de ganho. “Meu marido, ex-pescador, entregou-se à bebida, eu tenho que batalhar”, frisa ela, pedindo mais compreensão dos fiscais.

Na Ponta de Humaitá fica a maior parte do acervo histórico de Monte Serrat, tombado pelo patrimônio histórico. Um das dez casas com a estrutura original em pedra e cal, o ex-Clube Iate Itapagipe (o casarão foi construído em 1619) e a Igreja de Monte Serrat compõem o cenário. A vista que se tem do lugar é das mais bonitas. Não é por acaso que agências de turismo levam seus clientes ao local, num passeio, considerado histórico.

O Forte de Nossa Senhora do Monte Serrat, construído entre 1583 e 1587, em um local estratégico de onde se pode ver bem a entrada da baía, foi uma arma poderosa na resistência dos portugueses contra as invasões holandesas em 1624 e 1638. Conta-se que, ao redor do forte, vários navios foram atingidos pelos canhões e estão no

fundo do mar. Alguns mergulhadores garantem que de vez em quando encontram antigas peças das naus. Outros, mais antigos, afirmam que até uns 25 anos atrás não era raro encontrar peças de porcelana, talheres de prata e outras raridades. O forte é considerado uma jóia da arquitetura militar brasileira. Em 1993 foi inaugurado, em seu interior, o Museu da Armaria.

Em 1853, o presidente da província da Bahia, João Maurício Wanderley, fundou em Monte Serrat um hospital para atender as vítimas da febre amarela. Instalou-se na fazenda de Antônio Pereira Franco o Hospital do Isolamento. Em 1936, o local passou a chamar-se Hospital Couto Maia, em homenagem ao seu diretor por mais de 20 anos, Augusto de Couto Maia. O hospital é a referência

baiana no tratamento de doenças infecto-contagiosas.

Igreja

Como A TARDE divulgou no dia 9, em reportagem de Leila Tourinho, o Mosteiro de São Bento está agora no Programa Estadual de Incentivo à Cultura (Faz Cultura) com o “Projeto Monte Serrat”. Com isso, cria-se a possibilidade de recuperação de um patrimônio de quase 500 anos e restauração de imagens de grande valor artístico, como as de São Bento, São Bernardo e Nossa Senhora de Monte Serrat.

Velhos moradores, como Salatiel Batista e Antometa Georgina, afirmam que sofrem ao ver a igreja abandonada, pichada por vândalos e com o patrimônio se acabando. Eles falam também das tradições que acabaram morrendo. A festa de Nossa Senhora do Monte Serrat, por exemplo, era realizada em 8 de setembro. “Era uma minifesta do Nosso Senhor dos Navegantes, com uma pequena galeota, que puxava uma procissão marítima entre a Igreja da Boa Viagem e a de Monte Serrat”, explica Sandoval Reis.

Essa festa deixou de ser realizada há 30 anos, mas continua viva na memória dos moradores mais antigos, que em suas casas coloniais não se cansam de contar as histórias do bairro. Também cultuam seus móveis antigos, sentem orgulho em mostrar cristaleiras com copos finos, outrora utilizados em festas para eles inesquecíveis.



Irmãs franciscanas mantêm obra social no bairro há mais de 60 anos